

9

DISSERTAÇÃO

CADEIRA DE CLINICA PSYCHIATRICA E DE MOLESTIAS NERVOSAS

**Das descargas motôras na epilepsia essencial; suas
vantagens e damnos**

PROPOSIÇÕES

Tres sobre cada uma das cadeiras da Faculdade

THESE

APRESENTADA Á

Faculdade de Medicina e de Pharmacia do Rio de Janeiro

EM 30 DE OUTUBRO DE 1900

E PERANTE ELLA DEFENDIDA EM 15 DE ABRIL DE 1901

(Approvada com distincção)

PELO

DR. MANUEL DE MARSILLAC MOTTA

NATURAL DO ESTADO DE SERGIPE

Filho legitimo do Pharmaceutico Pedro Amancio de Almeida Motta e de
D. Maria Emilia de Marsillac Motta.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA BESNARD FRERES — RUA DO HOSPICIO 138

1901

FACULDADE DE MEDICINA E DE PHARMACIA DO RIO DE JANEIRO

DIRECTOR-INTERINO

DR. FRANCISCO DE CASTRO

VICE-DIRECTOR

DR. FRANCISCO DE CASTRO

SECRETARIO

DR. EUGENIO DO ESPIRITO SANTO DE MENEZES

LENTES CATHEDRATICOS

DRS. :

João Martins Teixeira	Physica medica.
Augusto Ferreira dos Santos	Chimica inorganica medica.
João Joaquim Pizarro	Botanica e zoologia medicas.
Ernesto de Freitas Crissiuma	Anatomia descriptiva.
Eduardo Chapot Prévost	Histologia theorica e pratica.
Tiburcio Valeriano Pecegueiro do Amaral	Chimica organica e biologica.
João Paulo de Carvalho	Physiologia theorica e experimental.
Antonio Maria Teixeira	Materia medica, Pharmacologia e Arte de formular.
Pedro Severiano de Magalhães	Pathologia cirurgica.
Henrique Ladislan de Souza Lopes	Chimica analytica e toxicologica.
Augusto Brant Paes Leme	Anatomia medico-cirurgica.
Domingos de Góes e Vasconcellos	Operações e apparatus.
Antonio Augusto de Azevedo Sodré	Pathologia medica.
Oypriano de Souza Freitas	Anatomia e physiologia pathologicas.
Albino Rodrigues de Alvarenga	Therapeutica.
Luiz da Cunha Feijó Junior	Obstetricia.
Agostinho José de Souza Lima	Medicina legal.
Benjamin Antonio da Rocha Faria	Hygiene e mesologia.
Antonio Rodrigues Lima	Pathologia geral.
João da Costa Lima e Castro	Clinica cirurgica — 2.ª cadeira.
João Pizarro Gabizo	Clinica dermatologica e syphiligraphica.
Francisco de Castro	Clinica propedeutica.
Marcos Bezerra Cavalcanti	Clinica cirurgica — 1.ª cadeira.
Erico Marinho da Gama Coelho	Clinica obstetrica e gynecologica.
Joaquim Xavier Pereira da Cunha	Clinica opthalmologica.
José Benício de Abreu	Clinica medica — 2.ª cadeira.
João Carlos Teixeira Brandão	Clinica psiquiatrica e de molestias nervosas.
Candido Barata Ribeiro	Clinica pediatria.
Nuno de Andrade	Clinica medica — 1.ª cadeira.

LENTES SUBSTITUTOS

1.ª secção	DRS. :
2.ª "	Antonio Teixeira do Nascimento Bittencourt
3.ª "	Oscar Frederico de Souza.
4.ª "	Luiz Antonio da Silva Santos.
5.ª "	Antonio Dias de Barros
6.ª "	Ernesto do Nascimento Silva.
7.ª "	Francisco de Paula Valladares.
8.ª "	Miguel de Oliveira Couto.
9.ª "	Augusto de Souza Brandão.
10.ª "	Francisco Simões Corrêa.
11.ª "	José Antonio de Abreu Fialho.
12.ª "	Luiz da Costa Chaves Faria.
	Marcio Filaphiano Nery.

A Faculdade não approva nem reprova as opiniões emitidas nas theses que lhe são apresentadas.



A seu excellente irmão e superior amigo

PHARM^{co}. JOAO ALFREDO DE MARSILLAC MOTTA

Offerece o auctôr, agradecido pelo inestimavel apoio de
pae antes que de irmão, com que o amparou em seus
estudos.

Esta these contém-se num duplo esforço— de intelligencia e de trabalho. E' esforço de intelligencia e de trabalho, porque, mau grado o de merito que nella possa ver a critica professional, representa, não uma compilação, viciada na origem e deturpada nos conceitos, mas, uma verdadeira selecção intellectual, em que, a par das ideias emittidas pelos mais competentes homens de sciencia, o auctor entendeu de appôr o criterio de sua razão pessoal.

Sabe elle, que, se grandes difficuldades custou-lhe a confecção desta these, maiores, custar-lhe-ha sua defeza.

O merito, porém, quando elle exista, está precisamente na felicidade com que o auctor podér, afirmando a verdade nella contida, convencer da jusleza de vistas e do rigor de logica com que foi concebida.

DISSERTAÇÃO

Das descargas motôras na epilepsia essencial; suas vantagens e
danos

Da energia em geral

« Le grand secret de la vie est la permanence des forces et la mutation continuelle de la matière. »

FLOURENS.

No mundo objectivo, como no mundo subjectivo, tudo obedece a uma lei gradativa, tudo se filia a uma seriação natural, partida do simples para o composto, do incompleto para o complexo, do menos diferenciado, até ao mais diferenciado.

No mundo objectivo a unidade é mais aparente, a harmonia mais sensível, por isso que é todo material.

No mundo subjectivo, porém, o encadeamento é mais perfeito, a gradação de socalcos menores, um como outra, embora mais incompreendidos.

Da harmonia de cada um de per si e da harmonia dos dois em conjuncto se infere a unidade universal. Está em por medida a indestructibilidade da matéria e a eternidade da força.

Força e matéria, são conseguintemente a base em que se firma toda a estrutura do universo.

A matéria desconhecida *em si*, na sua essência e provavelmente também, em muitas das suas formas, é infinita; e como infinita que é, infinita são as suas representações. Evolve-se, transforma-se, gradual e incessantemente, constituindo desde os

infinitamente pequenos, os organismos microscopicos, até nos meios planetarios, os grandes organismos ou agrupamentos cosmicos : os mineraes, os vegetaes, os animaes, entre os animaes, o homem, e ao homem, o cerebro, condensador e transformador das mais elevadas energias.

Tudo progride e se transforma : na mathematica como em astronomia ; na physica como em chimica, na biologia, na sociologia e na psychologia.

Nada se perde. Tudo progride e se transforma, no objectivo como no subjectivo. Neste, porque as nossas ideias como os nossos conhecimentos representam o estado de progresso actual, quando o progresso contem em si verdadeira energia potencial ; naquella, porque os corpos, como modos de ser, que são da materia, estão sujeitos ás mesmas leis de transformação e de progresso á que ella está subordinada.

O carbono, o oxygenio, o hydrogenio, o azoto, o phosphoro, o enxofre, o calcio e o ferro; em uma palavra, todos os corpos simples que compõem o nosso organismo, descrevem um cyclo perfeito, continuo : hoje estão em nós; amanhã na terra; mais tarde, nas plantas, nos passaros e em nossos descendentes; assim como tambem no passado, fizeram parte de myriades de combinações diferentes.

E' a circulação da materia do reino mineral ao vegetal, deste, ao animal e a volta do animal áquella.

E' a circulação da materia, dentro do circulo integro das suas energias. Assim é que a analyse chimica tem demonstrado um principio verdadeiramente fecundo nas conclusões a que induz e, assombrosamente verdadeiro na simplificação que encerra :

Todos os seres vivos, animaes e plantas, são essencialmente constituídos por quatro corpos elementares—carbono, oxygenio, hydrogenio e azoto; ou melhor, condensando numa formula mais exacta: todos os seres vivos são essencialmente constituídos pelo carbono nas suas multiplas combinações com o hydrogenio, com o oxygenio e com o azoto.

Por sua vez a synthese chimica tem conduzido á demonstração desta verdade capital : as forças chemicas que regem a materia inorganica ou a organica, são indubitavelmente e sem excepção as mesmas que regem a materia em geral. E' que a força não se destrõe ; unicamente, ella se modifica, sem cessar.

Movimento, acção chimica, calôr, luz, electricidade, magnetismo e até mesmo os mais elevados actos intellectuaes, representam apparencias multipas de uma mesma causa, cuja quantidade é invariavel e sempre a mesma que circula no universo.

Ao lado destas variadissimas fórmulas de energia, communs ao mundo physico, desde a energia mecanica, a mais simples dellas, é licito admittir, nos seres vivos, fórmulas outras que lhes são peculiares e que representam o archi-typo das differenciações energeticas, pela delicadeza da estrutura e pela complexidade das funcções inherentes aos dois grandes reinos em que se expande o mundo vivo.

Verdade é, porém, que neste, como na natureza inteira, o principio da unidade e da harmonia não sofre excepção.— elle é respeitado integralmente.

Ha, por acaso, mais brilhante e mais convincente prova de unidade e de harmonia do que a que nos mostra a evolução do embrião, ovulo e espermatozoide, primordialmente, condensando em si todas as energias como todas as qualidades do individuo, energias e qualidades que elle reproduzirá

e que melhor se definirão e melhor se exteriorizarão, quando chegado o embrião ao termo de seu progresso final — o homem?!

Ha por acaso mais grandiosa e mais exacta applicação do principio admiravelmente formulado pelo grande sabio inglez Darwin do evolucionismo, — que unidade e harmonia é, do que as extraordinarias phases de transformação porque passa a folha até constituir-se em flôr: sepalos, petalos, estames e carpellos, flôr que condensa as mais elevadas qualidades estheticas da natureza?!

Ha por acaso mais exuberante affirmação da unidade e da harmonia que a existencia dos systemas, em botanica como em zoologia, systemas que têm a sua origem na monera que é tudo porque representa o ponto de partida dos dois reinos, mas que quasi tambem não é coisa alguma porque significa as simplificações ultimas da vida?!

E' nestes seres infimos, em que parece se apagam as funcções mais caracteristicas, em particular, dos dois reinos, que se deveria, em boa logica, estudar as origens da vida: onde ella exactamente deve começar.

E nestes como se manifesta ella? A vida nelles reduz-se a uma e unica actividade — a actividade osmotica da cellula.

Assim, tem-se a vida, formula energetica proteica, reduzida á simplicidade de um phenomeno physico — a osmose.

Assim, tem-se a vida, a mais diferenciada e a mais subjectiva das energias nos individuos superiores da escala animal, limitada, nestes seres que representam os primeiros degrãos da escada viva, á simples troca de substancia entre o meio ambiente e a cellula em actividade.

Por isso razão de sobra tinha Cl. Bernard

affirmando, que a espontaneidade vital era uma apparencia e uma illusão; que os phenomenos vitaes eram sempre provocados, que eram a replica a uma excitação exterior, o resultado de um conflicto entre a materia viva e os agentes physicos ou chimicos que a sollicitam.

E isto justamente porque a energia vital propriamente dita, tem sua origem em uma das energias exteriores, não em qualquer, como se poderia suppôr, mas em uma dellas — a energia chimica.

D'ahi resulta que a vida pôde ser considerada como uma verdadeira circulação de energia, tendo essencial e inicialmente por ponto de partida um phenomeno chimico.

E', diz Dastre, a vida, definida pela sua propriedade a mais constante, a nutrição, isto é pela existencia de uma corrente circulatoria continua de materia que o individuo retira do meio em que vive pela alimentação, e que elle regeita pela excreção e cuja interrupção, momentanea mesmo, se fosse completa, seria o signal da morte.

As energias vitaes podem ser encaradas, portanto, como verdadeiras energias chimicas potencias accumuladas nos elementos primordiales do organismo.

Abundando nestas mesmas ideias escreve Chauveau: "A materia de que é formado o animal vivo e a força ou energia que lhe é inherente estão em estado de continuas transformações.

"E' justamente nestas metamorphoses energeticas continuas que reside o principio mesmo da vida. Os phenomenos elementares de que os tecidos são a séde, ou, por outra, o trabalho physiologico que resulta da acção de suas propriedades organicas, representam uma certa quantidade de energia

actual, ou de forças vivas moleculares, provindo de uma quantidade equivalente de energia potencial accumulada nos principios immediatos do organismo.”

O mundo vivo, pois, como o mundo inanimado não nos offerecem outra coisa que mutações da materia e mutações da energia.

Desta identidade, ou melhor, desta analogia das energias desenvolvidas nos seres vivos com as energias universaes da natureza, nasceu o ponto de partida de uma nova sciencia — a *energetica biologica*, cujos dilatados e dilataveis horisontes tendem a invadir os dominios das demais sciencias.

Della disseram Robert Mayer e Helmholtz: *é o estudo dos phenomenos da vida debaixo do ponto de vista da energia.*

E sua concepção, ajunctamos nós, assignala a construcção de um edificio tão grandioso no espaço e eterno no tempo, quanto grandiosos e eternos são os principios da conservação da materia e da conservação da energia que lhe servem de granito e argamassa.

Da energia no systema nervoso

« Il n'y a pas deux facultés, l'une, celle de la pensée, l'autre celle de l'activité ; il n'y a à chaque moment, qu'un seul et même phénomène se manifestant toujours de deux manières différentes. »

PIERRE JANET.

O systema nervoso do homem, por isso que é dos systemas de órgãos aquelle, a que estão prepostas funcções mais elevadas, representa não só sob o ponto de vista estructural, mas dynamico, o gráo mais alto de differenciação a que tem attingido o organismo ; e, por isso mesmo tambem, a cellula e tubo nervosos a cuja actividade se deve esta differenciação, ficam elevados a elementos histologicos de primeira ordem, collocados no zenith da hierarchisação cellular.

D'ahi significar o apparecimento do systema nervoso, rudimentar embora, nas organizações vivas, já um signal positivo de progresso, já uma elevação de estructura.

Assim é que nos confins do reino animal, ahi, onde a faixa divisoria mais se estreita, difficultando a discriminação dos typos nos reinos toda a actividade própria destes seres, toda a funcção a elles inherente, se reduz a phenomenos de nutrição e de contractilidade.

A' proporção, porém, que a seriação se processa, que a gradação se estabelece, para o mais complicado, para o mais perfeito, o systema nervoso vai progressivamente se delineando na existencia de um numero mais ou menos consideravel de pequenas massas nervosas chamadas ganglionares, ligadas entre si por filetes nervosos, até chegar ao que elle é no homem e, então, de par com a intelligencia que gradualmente vai apparecendo, vão se exteriorizando as sensações que elle dá a perceber a estes organismos, os movimentos que elle provoca e que elle transmite, a vida de nutrição que elle regula, e acima de tudo isto as altas funcções subjectivas, consciencia, volição, pensamento, etc., n'uma coordenação e harmonia que são o segredo e o encanto da natureza.

E assim nos vertebrados superiores entre os quaes, pela elevação da intelligencia e pela complicação da estructura occupa o homem o degráo mais alto, tem attingido o systema nervoso a sua mais differenciada capacidade funcional.

No homem que é, em geral, o mais perfeito e o mais intelligente dos animaes. o systema nervoso é tambem, e se não o é deve ser, o mais excepcionalmente rico em elementos conscientes, autonomos, em *neurônios*, para nos servirmos da concepção muito applaudidamente levantada pelos grandes histologistas modernos.

São estes insignificantes elementos cellulares, verdadeiros cerebros em miniatura, que dão origem, pela sua actividade propria, a tres grandes ordens de trabalho nervoso: impulsões motôras, percepções sensiveis e manifestações psychicas.

Elles, porém, como elementos organizados que são, estão sujeitos ás leis universaes da circulação

da materia e da circulação da energia que são o fundamento de tudo que existe e ainda melhor de tudo que vive.

« Quem diz vida, escreve Ch. Letourneau, diz turbilhão de atomos, corrente material atravessando incessantemente as fibras, as cellulas, os liquidos que constituem a trama de todo o ser organizado».

Ora, estes elementos vivos, se é certo que superintendem todas as funcções do organismo, desde as mais nobres e as mais complicadas até as menos elevadas e as mais simples, é tambem certo que estão muito directamente ligados ás funcções de nutrição em geral.

Estas se fazem nelles á custa do systema circulatorio geral, isto é, da corrente sanguinea, que lhes leva o oxygenio necessario á cembustão do enxofre, e do phosphoro dos quaes, parece, exclusivamente se nutrem os elementos nervosos.

Nelles, porém, a instabilidade é extrema: duplos movimentos de assimilação e desassimilação, de composição e decomposição se processam constantemente; atomos de substancia nervosa se aggregam ou desaggregam á medida que o circulo de energia vital gasta ou repara os tecidos, e assim, á proporção que, incessantemente, uma corrente de destroços cellulares é expellida da cellula, uma outra corrente compensadôra, viva, rutilante, oxygenada, vem estimular a producção de novos elementos cellulares.

Interrompida porem que seja bruscamente esta corrente de vida nervosa, ou, asphyxiadas que sejam as cellulas num exagero de pressão sanguinea superior ao que comporta o seu coefficiente circulatorio, e cahe o homem, *perinde ac cadaver*, segundo uma comparação celebre.

E então, caiba a um *embolo* ou a um *thrombo* o

mechanismo da anemia cerebral, no primeiro caso ; e á ruptura de uma arteria a inundaçãõ no ultimo, a verdade é que cahe instantaneamente o corpo a que pertence este cerebro em desordem e com elle cahem tambem as funcções mais elevadas do homem : annula-se-lhe a consciencia, apaga-se-lhe o pensamento e desapparecem-lhe a sensibilidade e a motilidade voluntaria. — E' o syndroma clinico que, desde Hippocrates, se designa sob o nome de apoplexia : a perda subita ou rapida da motilidade voluntaria, do sentimento e da intelligencia”.

De maneira que ao lado do metabolismo energetico e material processado na interioridade da trama organica das cellulas nervosas, e o qual representa a corrente nutritiva, por excellencia, possuem estas cellulas propriedades outras que lhes são inherentes e que estão para ellas como a contractilidade está para a fibra muscular.

Estas propriedades representam a triade elevada em que se resumem as mais diferenciadas energias nervosas do homem : — o sentimento, que lhe permite perceber as impressões do *meio* ; a intelligencia que lhe faculta subir, subjectivamente, até a mais alta e a mais pura metaphysica ; e a vontade que dá ao homem o poder de se determinar mais ou menos espontaneamente, livremente, e que, de mãos dadas com a intelligencia, lhe proporciona, a elle, verdadeira machina, a extraordinaria facultade de estudar e comprehender o mechanismo de todas as outras, e o que é mais, de estudar e comprehender o mechanismo da sua propria.

Não cabe, porém, nos moldes deste trabalho, nem a tanto nos chega a competencia, perquerir, no seio destes aristocraticos elementos, o mechanismo molecular delicadissimo, que dá origem ás tão

variadas quanto complicadas fórmulas da energia nervosa, exteriorisadas na sensibilidade, no desejo, no pensamento, etc.

Nem nos cabe, ainda menos, indagar da maneira porque se effectua a passagem da vida nervosa inconsciente á vida mental consciente, problema que ainda hoje desafia a investigação scintifica mais bem conduzida.

Basta-nos, para o fim a que nos destinamos, que demonstremos a existencia da força, influxo, ou energia nervosa, como lhe chamamos.

A moderna comprehensão da estructura nervosa, dos neuronios, e a physiologia dos mesmos; e antes disto, as experiencias feitas por Bois-Reymond e outros, demonstram a existencia de certas propriedades electricas immanentes á força nervosa, força que é da natureza das *correntes*, isto é, produzida num ponto, transmittida por uma substancia intermediaria a outro e descarregada neste.

As diferentes formas de electricidade e de magnetismo hoje conhecidas nos familiarisam com esta especie de energia.

E' graças a esta transmissibilidade da energia nervosa que, no corpo, movimentos afastados uns dos outros podem ser associados sob a acção de um estimulo commum.

E' assim que uma impressão musical levada ao cerebro, se traduz conforme as sensações que ella determina — alegria ou tristeza, nas exteriorisações antagonicas tão bem conhecidas e peculiares a estas duas formas oppostas da emoção: o riso ou as lagrimas.

E é assim que uma impressão qualquer, vinda do mundo exterior, a impressão produzida, por exemplo, pelas grandes sensações do calor ou do frio

abala a extremidade livre e peripherica da fibra afferente, e então um movimento vibratorio ahi se produz e d'ahi se transmite ao longo desta fibra até a cellula nervosa, que, como centro da sensação e da motilidade, o elabora e o transmite, por intermedio da fibra afferente, sob a forma de um movimento muscular.

Em apoio desta ordem de considerações que vamos expendendo ninguem escreveu melhor que Chauveau quando concebeu de uma maneira geral o trabalho physiologico.

« Consideremos antes de tudo — diz o notavel physiologista — os phenomenos que se passam nos cordões nervosos. A conducção centripeta pelos nervos sensitivos e a centrifuga pelos nervos motores constituem um unico phenomeno: num e noutro são excitações que caminham nos tubos nervosos quer da periphèria ao centro, quer do centro á periphèria.

Em que consiste este phenomeno? Qual o seu mecanismo? Como participam delle as manifestações concumittantes chamadas electrotonicas?

Os physiologistas dissimulam a profunda obscuridade que envolve todas estas questões, imaginando um movimento vibratorio impresso longitudinalmente a uma ou a outra das extremidades do *cylindro eixo* e prolongando-se ao longo d'elle.

O que é incontestavel é que esta propagação, sempre acompanhada de calor (vide as importantes experiencias de Schiff sobre o aquecimento dos órgãos nervosos em actividade), resulta de um certo *trabalho physiologico*, é o effeito do trabalho proprio do tubo nervoso como a contracção muscular o é do tecido muscular”.

E, depois de ter mostrado que, um nervo

quando funciona, isto é, quando transmitta uma excitação sensitiva ou motôra, o trabalho physiologico que este transporte significa representa uma transformação intermediaria, fugitiva, entre, inicialmente, a energia chimica, comprovada na superactividade das reacções chimicas de que o nervo se constitue séde—absorpcção de oxygenio, excreção de oxydo de carbono, e como termo, o calor, «fim na série de transformações da energia nos seres vivos», escreve ainda Chauveau:

« E' certo que o transporte das excitações nos tubos nervosos consome energia chimica e, restitue, integralmente, sob a fórmula de calor sensivel, a energia assim provisoriamente consumida; como, do mesmo modo é certo, que, em determinada condição, a corrente de um circuito de pilha absorve provisoriamente a energia chimica da pilha para restituil-a immediatamente sob a fórmula de calor sensivel.

Entre os dous casos—conclue o grande physiologista francez— existe mesmo uma frisante analogia, quanto ao modo de acção do trabalho intermediario que se interpõe entre o estado inicial e o estado final da energia. A corrente nervosa e a corrente electrica apparecem como duas fórmulas de energia inteiramente especiaes, cuja existencia real não póde ser posta em duvida, ainda que as relações que a refirmam á forma chimica inicial e á forma calorifica final sejam, nos dous casos inteiramente desconhecidas.»

Estudando depois os phenomenos que se passam nos centros nervosos, proseguiu Chauveau:

« Examinemos a elaboração especial das excitações periphericas feitas pelos centros reflexos encarregados de as reenviar aos órgãos musculares.

Eis ahi essencialmente trabalho physiologico realisado por certos grupos de cellulas nervosas disseminadas em toda a extensão do eixo cerebro-espinhal

Ora, este trabalho é analogo ao dos nervos e musculos. Póde-se assemelhal-o a uma especie de movimento vibratorio que é necessariamente precedido e seguido das mesmas transformações de energia que nestas duas cathogorias de orgãos.»

Esta longa citação das conclusões de Chauveau quanto ao trabalho physiologico, não a fizemos unicamente pelo desejo de nos alongarmos, mas precisa e exclusivamente, porque, nellas, como em outras encontramos os maiores elementos de apoio e de defesa das ideias que vamos explanando e que pretendemos sustentar.

Já vimos, porém, que o eminente physiologista, a cujas considerações nos vamos referindo, considera os phenomenos nervosos dos tubos e das cellulas como movimentos vibratorios, como transformações de energia, que têm o seu começo na força viva, de origem chimica, que os produz e seu termo no calor sensível em que ella afinal se transforma.

E vimos mais ainda que este physiologista salienta notavel analogia entre a corrente nervosa e a corrente electrica, não obstante não se conhecerem as relações que as referem á forma chimica inicial e a fórmula calorica final.

Não nos surprehende, porém, que assim seja, porquanto, é conhecido, e já hoje ninguem o põe em duvida, a existencia da electricidade nos animaes, inclusive o homem.

E isto é tanto mais verdadeiro e está tanto mais plenamente demonstrado, quanto, é sabido, que, toda a acção chimica produz electricidade.

Ora, a vida, qualquer que seja a sua exteriorisação, reduz-se em ultima analyse a um phenomeno chimico.

Independentemente, porém, da interpretação bio-chimica que o progresso scientifico moderno conseguiu dar aos phenomenos da vida já em 1780 Galvani, celebre physico italiano, chegou á descoberta, n'uma experiencia tornada memoravel, da electricidade, nos nervos da rã.

Pouco importa, porém, que o italiano Volta, tão illustre physico quanto o seu compatriota Galvani, procurasse contestar-lhe a interpretação do fluido emanado do animal, e creasse uma outra theoria para explicar o phenomeno—a do contacto.

Pouco importa que assim fosse; que as interpretações, falsas, embora, não diminuiram a grandeza da descoberta:

A electricidade animal tinha sido verificada experimentalmente n'um laboratorio de physica.

Entretanto, bom é de notar, que antes desta descoberta de Galvani, antes d'essa epocha, já eram conhecidos os peixes electricos. E' assim que os orgãos electricos da *torpilha* tinham sido descobertos em 1777 por Walsh; que o *silurus electricus* havia sido encontrado por Adamson em 1751 e que Richer havia descripto o *gymnoto* em 1671.

Mau grado, porém, o conhecimento dos peixes electricos antes das experiencias de Galvani, pode-se dizer que a electricidade animal é contemporanea, no mundo scientifico, das investigações do grande physico italiano.

O que não admira porquanto se sabe que, a electricidade atmospherica, em boa sciencia, começa com Franklin; o que não admira, quando se sabe que, o hypnotismo scientifico data de Charcot;

não obstante aquella. como este, terem existido em todos os tempos.

Retomemos agora a ordem de considerações que iamoz fazendo. apesar do attractivo do assumpto em que por momentos nos empenhamos.

E para isso, já vimos que a chamada força nervosa representa uma phase na série das transformações da energia em geral, e em particular, da energia chimica desenvolvida na intimidade das cellulas e tubos nervosos, e por isso mesmo a denominamos nós — energia nervosa.

E vimos mais ainda, que ella tem sua origem a mais immediata na abundante irrigação sanguinea que lhe traz o concurso nutritivo necessario dos alimentos fornecidos ao corpo, como intermediario que é o sangue, entre o aproveitamento destes alimentos no tubo gastro-intestinal e a distribuição delles, por meio do systema circulatorio geral, ao organismo inteiro, e no caso, á substancia nervosa.

E é assim que já vimos tambem, os phenomenos produzidos por uma parada na circulação cerebral determinando a anemia deste orgão; pela ruptura de um vaso, se traduzindo n'uma hemorragia deste mesmo orgão, e veremos agora os phenomenos originados duma excessiva rapidez da circulação sanguinea cerebral, se definindo no curso rapido das ideias e dos sentimentos, ou em melhores termos, produzindo uma *excitação* que pode ir até o delirio.

Compreende-se, que, sendo delicadissima a formação das ideias e dos sentimentos, etc., sobre ella deve influir a *qualidade* do sangue. Assim o oxydo de carbono em excesso, a uréa e outros residuos, cuja eliminação cabe aos orgãos excretorios, deprimem a funcção mental ou a annullam.

Do mesmo modo a energia desta funcção, varia

sem cessar, todos o sabem, com a idade, com o sexo, com o temperamento, com a raça e ainda com a ingestão de alguns goles de café, de um trago de alcool, de uma fracção de gramma do opio, etc.

Se é certo porém, que a energia nervosa depende intima e immediatamente, de todas estas condições intrinsecas e extrinsecas, é tambem certo que ella representa a força que anima o organismo humano dentro do circulo de suas energias vitaes.

E nem outra cousa demonstra a acção da energia nervosa, sobre o coração, do qual, pode-se dizer, que representa o centro da vida material do organismo, accelerando ou retardando os battimentos deste orgão; sobre o systema circulatorio geral, constringindo ou dilatando, segundo as necessidades, o calibre dos vasos; sobre os musculos, permitindo o movimento dos membros ou impedindo-o; sobre o corpo inteiro, lhe imprimindo a faculdade de perceber a acção do *meio* pelas diversas formas da sensibilidade geral e dos sentidos especiaes, emfim sobre todos os tecidos, sobre todos os, orgãos, sobre todos os aparelhos numa pujança de harmonia e de direcção que nos amesquinha e que nos eleva.

Por isso a chamada força vital, de Stahl e seus sectarios, não representa uma força particular, mas um modo de ser da energia elevando a materia á sua maior differenciação — o organismo vivo, e melhor o organismo humano. E por isso tambem, o que se chama força ou influxo nervoso, e o que se tem chamado — *enormon*, de Hypocrates; força *ectenica*, de Thury; força *psychica*, de Serjeant Cox e William Crookes, e *fluido universal*, de Rychnowski, tudo isso representa sob nomes diversos uma, forma da energia compativel com o grão, provavelmente, de elevação estructural, e muito certamente de

differenciação funcional, da mais nobre cellula do organismo humano— a cellula nervosa.

O que quer dizer, recapitulando e concluindo numa synthese mais larga, que, sob o ponto de vista energetico, tanto ha energia no funcionamento da cellula epithelial modestissima da planta dos pés, quanto, no funcionamento da cellula pyramidal nobilissima do cortex cerebral.

Das descargas motôras de energia nervosa na epilepsia essencial; suas vantagens e damnos.

« La convulsione epilettica sta all' epilepsia, come la scintilla all' elettricità; ma l'elettricità esiste nell'atmosfera anche senza il lampo».

TONNINI

Vem do seculo de Hypocrates, o quinto antes da nossa era, a comprehensão mais bem orientada, da entidade morbida hoje universalmente conhecida sob o nome de *epilepsia*.

E ao espirito verdadeiramente scientifico do grande medico grego, creadôr da medicina, se deve a filiação da nevrose epileptica á causas materiaes variadas, e não á origens supersticiosas e divinas, como as credences do tempo e o predominio religioso de seculos, haviam arraigado na comprehensão dos leigos e no espirito dos letrados.

E' assim que antes do periodo hypocratico, durante elle e depois d'elle, foi este horrivel mal conhecido sob os nomes, de *morbis herculeus* porque refere a lenda que o deus da força era um atingido de mal epileptico; de *morbis sacer*, *morbis divinus*, porque as pythonissas, interpretes do pensamento e da vontade divinos, eram accommettidas de crises epilepticas, quando, nos oraculos, desempenhavam

as suas funcções religiosas; de *morbus comitialis*, porque entre os romanos reunidos em comicio, era muito frequente o apparecimento deste mal, o que motivava a dissolução da reunião; de *morbus lunaticus*, *morbus astralis*, porque viam os antigos, entre a evolução dos astros e o apparecimento das crises epilepticas as mais estreitas relações; de *morbus demoniacus*, porque se suppôz vêr como causa da epilepsia a influencia directa do demonio; de *morbus caducus*, porque, o individuo presa do ataque epileptico, cahia bruscamente; e de *mal de S. João*, porque se procurou vêr semelhança entre a physionomia do epileptico e a desse apostolo decapitado.

Emfim, Celso, a denominou *morbus major*, o mal por excellencia.

Hoje, é a grande nevrose, como já o dissemos, universalmente conhecida sob o nome de *epilepsia*.

E, mau grado terem decorrido dous mil e quatrocentos annos depois de Hypocrates, tão enterrada de hypotheses e tão obscurecida de supposições está a pathogenia do mal caduco, que, pôde-se dizer, pouco se tem adiantado, neste particular, ás ideias do genial medico de Cós.

Verdade é, porém, que este, não definiu, não precisou as causas materiaes variadas a que filiava o apparecimento das crises epilepticas.

Verdade é tambem, que, refira, embora, Lasèque a existencia da epilepsia a uma *assymetria facial*, a uma malformação craneana congenita, consistindo principalmente numa retracção do buraco occipital; acredite Cantani que o accesso epileptico, tem por fundamento physiologico uma condição congestiva activa ou passiva do cerebro; assevere Hallager, que todos os phenomenos epilepticos tem sua explicação numa anemia de natureza vaso-mo-

tôra; localise Schröder van der Kolk, na excitação anormal do bulbo, a causa determinante do accesso epileptico; ligue Chaslin o apparecimento deste, á alterações cerebraes e medulares mais ou menos apreciaveis, e as quaes, se resumem em placas de endurecimento,— numa *sclerose nevrogliosa* ou *gliose*,— cuja existencia, é para este auctôr, o resultado de um processo hereditario; verdade é tambem, que não obstante o extraordinario progresso scientifico do seculo, pouquissima luz tem encaminhado os pesquisadôres das grandes verdades medicas no labyrintho tortuosissimo da pathogenia epileptica.

Não pairam as duvidas, porém, unicamente, sobre a pathogenia do mal sagrado, ellas vão até sobre a extensão da grande nevrose.

E então, é interessante de vêr o afan com que neuropathologistas de nota, procuram deslocar do grande edificio morbido—a epilepsia,— pequenas pedras com que imaginam edificios outros, como se possivel fosse haver entre as construcções objectivas ou subjectivas, alguma a que não se podesse subordinar os principios universaes da unidade e da harmonia; como se na propria pathologia não existissem limitadissimo numero de elementos morbidos, os quaes representam o papel de verdadeiros radicaes chimicos se transportando intactos, irreduziveis, de uma affecção a outra, mau grado a diversidade e o larguissimo numero dellas.

E' certo, que a epilepsia apresenta uma tal polymorphia nas suas manifestações, uma tão grande variedade nas suas exteriorisações morbidas, que não é sem razão o se ter querido vêr *epilepsias*, mais por exigencias da clinica do que por esforços da intelligencia.

Mas então poder-se-ia também escrever *tuberculosés*, sem receio de que a critica dos mestres que apadrinham *as epilepsias* nos viesse classificar de ignorantes ou peor do que isso de asnos; porquanto no vasto quadro da pathologia medica, nenhuma, molestia ha, como a tuberculose, que se modalise sob tão numerosos e variados aspectos.

Isto admittido e teriamos com certeza uma pathologia de nova especie.

Entretanto é o que se fez e se continua a fazer, admittindo as epilepsias alcoolicas, saturninas, syphiliticas, nephitricas, toxicas, etc., como se o alcool, o chumbo, a syphilis, etc., fossem por si sós capazes de, sem a degeneração preexistente, sem o concurso da diathese e da meiopragia, determinar a existencia e apparecimento do mal comicial.

Mas se, por um lado, é verdade que em boas razões, não se tem o direito de independisar symptomas, de elevar modalidades clinicas á altura de entidades morbidas definidas; por outro lado, não é menos verdade que não se tem o direito também de separar do enquadramento nosologico da epilepsia, variedades clinicas outras, cujo fundo é essencialmente a grande nevrose.

Assim as eclampsias da infancia, da adolescencia e da puerperalidade; assim, as crises convulsivas que sobrevêm na evolução da escarlatina, da febre typhoide, da pneumonia, etc.

Estes accidentes convulsivos não fazem parte integrante de nenhuma destas molestias, mas nellas apparecem porque encontram condições que lhes favorecem altamente a explosão.

Todas estas molestias representam por assim dizer o adubo fertilisante do terreno em que foi lançada a semente da grande arvore epileptica.

E será uma novidade ou uma audacia o que asseveramos?

Certamente mem uma, nem outra cousa. A herança dil-o a unanimidade dos neuro-pathologistas, constitue o mais importante factôr, o factôr primordial na constituição e apparecimento do mal sagrado.

E se assim é, porque não admittir que vicios de estructura e perturbações de funcção transmittidos e accentuados a cada geração que se succede, não imprimam ao individuo que lhe é descendente, o proprio malem natureza, ou pelo menos, a condição predisponente, que o expõe a adquiril-o, ao menor ataque á sua integridade?

Acaso, qualquer destas molestias, em cujo curso são observados os accidentes convulsivos, não crea para o organismo uma condição de fraqueza que o habilita á contrahir umas vezes, e fazer explodir outras, um mal qualquer, mormente se este mal já existe em estado latente?

Acaso a mais poderosa condição de saude não está na quantidade de resistencia e de energia de reacção que o organismo possa offerecer ás aggressões morbidas? Sim.

E o que dizemos tem tanto mais probabilidades de verdade, quanto, por um lado, a mais poderosa therapeutica, é a therapeutica natural do organismo; e por outro, ninguem nos assegura que, com a exclusão clinica que apresenta a epilepsia, o individuo dominado por tal ou qual molestia e em cujo curso se mostraram os accidentes convulsivos, não tenha apresentado anteriormente formas outras do mal caduco: a sensitiva ou a psychica.

Não nos acodem razões outras que nos expliquem o apparecimento das crises convulsivas du-

rante a marcha de qualquer destas molestias e por isso as filiamos nós á epilepsia.

Poderá parecer, porém, á critica dos mestres, que, entre as ideias que vimos de sustentar, e o titulo a que subordinamos o nosso trabalho, ha flagrante contradicção. Apparente, comtudo, é ella.

Escrevendo *epilepsia essencial*, como o escrevemos, não quizemos dar a entender que acreditamos em epilepsias multiplas; mas quizemos significar, unicamente, que aquellas expressões eram synonymas de *degeneração*.

E para a these que pretendemos demonstrar, a epilepsia assim considerada, nos é da maior valia.

Não é, todavia, que assim o façamos, sómente porque nos seja de grande vantagem para a affirmacção e defeza das ideias que expendemos; mas principalmente porque, abroquelado em autores da maior competencia, consideramos a epilepsia não um syndroma clinico, como quer Feré, mas um desvio no plano de organisação nervosa, uma anormalidade biologica, um estado involutivo em que o typo original se degrada, em que toda a organisação se perverte, uma enfermidade, uma degeneração, emfim.

Longe se foi o tempo em que a epilepsia se exteriorisava unicamente na crise motora.

Hoje, não é sómente epileptico o individuo que bruscamente accommettido de grande pallidez, emite um grito, que lembra, segundo uma comparação felicissima, o do pavão perseguido, grito agudo, estridente, sinistro, seguido muito de perto, de queda subita, sem preferencias de logar, no negror d'um precipicio ou nas brazas de uma fogueira; e prostrado, o individuo, insensivel ás sollicitações do meio; annullada a consciencia pela extrema desordem das mais nobres funcções; agitada a cabeça num vol-

tear que parece dizer uma supplica, para que o desfoguem do exagero de pressão existente na delicadissima caldeira nervosa; crispadas as linhas do rosto; cerradas as arcadas dentarias, numa rigidez tetanica, mal deixando passar pelos cantos da bocca uma espuma sanguinolenta; congesta a face; revirados os olhos; relaxados os esphincteres; é ainda o individuo, como se tudo isto não bastasse, abalado pelas mais violentas convulsões de todos os musculos voluntarios, num desencadeiamento e explosão de força de que só o epileptico é capaz.

Eis em traços mal distinctos o horrivel e impressionante quadro da grande crise motora epileptica, quadro a que Amadei denominou com a maior propriedade de expressões de — *terremoto humano*.

Depois passada a crise, inversa é a scena: á violencia desigualavel de ha pouco, succede a calmaria pôdre de agora. E então, desperta vagarosamente o individuo, inconsciente, apatetado, inerte, como se todas as suas energias se exgotassem no ensaio e desempenho da terribilissima tragedia conhecida sob o nome de *grande mal*. E' o vulcão em actividade, ao lado do vulcão em repouso.

Mas, epileptico não é sómente o individuo accommettido do ataque que procuramos descrever:

De natureza epileptica são tambem, dentro da formula motôra, desde as convulsões limitadas a um grupo muscular, a um membro e a uma metade do corpo, até as convulsões geraes, etc., que caracterizam o grande ataque.

No dominio dos sentidos, desde simples perversões delles, contidas na percepção má da fórma, das propriedades e da utilidade dos objectos, desde as illusões emfim, até ás sensações puramente subjecti-

vas, isto é, ás allucinações visuaes, auditivas, olfativas, gustativas, etc.

E na esphera psychica, desde os ligeiros eclipses da consciencia, a instabilidade extrema do character, a irritabilidade moral pronunciadissima, a violencia das paixões, a satisfação de pervertidos instinctos ; até as impulsões, as ausencias, o furor epileptico, a mania aguda, a demencia—termo na série das degradações da personalidade epileptica.

Verdadeiro Proteu, o mal sagrado se reveste das mais diversas e variegadas roupagens clinicas ; e, de parte a fórma convulsiva, que motôras são todas ellas, pela sua extensissima symptomatologia, é o mal caduco de difficil diagnostico, principalmente, si é elle requerido de momento, se não nos sobra o tempo de conhecermos miudamente a vida do individuo ; de acompanhar-lhe o mais longamente possível, todos os actos ; de apanhar-lhe os sentidos, de perscrutar-lhe os instinctos.

Emfim, a epilepsia não pode ser julgada unicamente pelas manifestações mais frequentes e de mais facil reconhecimento, até para o espirito dos leigos— as convulsões motôras, porquanto se é certo, no dizer de Tonnini, que não ha convulsão epileptica sem epilepsia, por outro lado é certo tambem, que pode haver epilepsia sem convulsão epileptica.

Nem ha nisto motivos do receio de que se tomou o grande neurologista italiano, de que se acoime de novidade o asseverado, quando tão grande numero de observações de todos os auctores, o confirmam ; e mais ainda quando se attentar na especialissima estructura epileptica.

«O epileptico, diz Venturi, num excellento estudo sobre a epilepsia, vaso-motôra está para um homem normal, como um gigante está para um anão, como um selvagem para um timido collegial ; elles são,

é verdade, igualmente formadas de carne e ossos, e dotados de instinctos e emoções, mas em proporções differentes.

Ao movimento, á sensação, á emoção, ao sentimento, ao pudôr, á lagrima, ao juizo, da pessoa sã, correspondem a convulsão, a hallucinação, o medo, o furôr, a bocca a espumejar, o delirio, no individuo epileptico.

Entre um e outro quasi que não ha differença de natureza, mas de gráo de intensidade nas exteriorisações, da vida nervosa.”

“ Não conheço, escreveu o Dr. Sylvio Tonnini no seu livro magnifico *Le epilissie in rapporto alla degenerazione*, não conheço nenhuma molestia chronica capaz de desorganisar o cerebro, respeitando a vida, como a epilepsia (e na epilepsia incluo a hysteria) ou melhor, nenhuma forma que abraça tantas variedades, que reuna tão disparatados elementos, que se concilie com tão oppostas aptidões ; só a assymetria é que ordinariamente melhor se conforma com o engenho do equilibrio perfeito, só a assymetria é que poderá talvez permittir ao epileptico agigantar-se em qualidades determinadas. O epileptico é, pois, o verdadeiro campeão da assymetria humana, é a assymetria individualisada.”

E é talvez á esta assymetria a que Tonnini, muito acertadamente, qualificou de *psychica* e que, de resto, se define num disequilibrio no plano de organização nervosa, especialmente psychica, que se deve attribuir o apparecimento de verdadeiros genios em individuos comprovadamente epilepticos.

E é por isso tambem, que é raro se encontrar um attingido do mal sagrado no qual a moralidade e a intelligencia entrem naquellas proporções que

constituem a organização psychica do homem perfeitamente equilibrado.

E então o homem se deshumanisa, degenera, se o equilibrio d'estas proporções é notavelmente alterado.

A normalidade se quebra.

Foi assim que, a intelligencia á custa da moralidade, fez de Julio Cesar, averiguadamente epileptico, um dos maiores capitães da antiguidade, um dos grandes genios politicos de todos os tempos.

Foi a intelligencia desenvolvida em detrimento da moralidade, que elevou Napoleão, tambem um epileptico, de simples official de artilharia em Toulon, ás culminancias de imperador dos Francezes; que fez delle o ceifador de muitos milhões de vidas e o depositario dos destinos da Europa inteira.

Foram a queda dos mais elevados sentimentos moraes do homem e a preponderancia dos mais abjectos, que fizeram de Caligula, acreditamente epileptico, e de Torquemada, asseveradamente outro, os representantes da perversidade e da hediondez humanas, e cujos nomes são verdadeiras nodoas nas paginas da historia.

Felizmente, porém, ao lado destes ultimos, monstruosos specimens da assymetria psychica e da degeneração epileptica, como poderosos jactos de luz a sanificar as impurezas do monturo, existem epilepticos, degenerados, não, mas *progenerados*, como escreveu conceituoso e competentissimo physiologista.

Estes se chamarão : Petrarca, o laureado poeta italiano ; Molière, o glorioso comediographo francez, julgado o maior poeta comico, na opinião de todos os criticos ; Newton, o grande mathematico, o inegalavel physico e o celebrado astronomico in-

glez ; Pascal, o genio assombroso que aos doze annos já era uma celebridade ; e tantos outros cujos nomes são um padrão de gloria para o genero humano.

Entre nós, um dos maiores manejaadores da nossa lingua, uma das intelligencias mais lucidas e mais ferteis das lettras patrias, verdadeiro ornamento dellas, é reconhecidamente um epileptico.

Horriavel e extraordinario mal, o mal sagrado : sendo capaz de conduzir o homem, na grande maioria dos casos, até os limites infimos da animalidade, no que ella possui de mais aviltante ; é entretanto compativel com a ascenção do homem ás qualidades mais dignificantes do character, á percepção fulminea dos genios, aos pinaculos luminosos da gloria.

Esta elevação da intellectualidade cahe, porém, á proporção que os accessos epilepticos duram mais tempo e se succedem com maior frequencia, isto é, á medida que a degeneração mais se accentua.

E aqui fiquemos na ordem de considerações indispensaveis que vimos fazendo, que, uma outra sorte dellas obrigadas pela natureza do assumpto a cujo desenvolvimento nos propuzemos, nos solicitam ainda demoradamente a attenção.

Já vimos no começo deste capitulo que a pathogenia epileptica é um verdadeiro *mare magnum* de supposições e de theorias desencontradas.

E não voltaremos mais a ella senão, para, apoiado em J. Hughlings Jackson, o maior sustentaculo da theoria das localisações cerebraes na Inglaterra, e em Tonini o esclarecido neurologista italiano, nos esforçarmos por interpretar a multiplicidade de formas pelas quaes se exteriorisa a epilepsia e descobrir e salientar entre ellas, não a que mais vantagens e

menos damnos trazer para o individuo, isoladamente, mas aquella que maiores vantagens e menores damnos acarretar para a sociedade.

Hughlings Jackson, procurando explicar as convulsões epilepticas ligadas á existencia de tumores cerebraes, imaginou uma hypothese engenhosissima que Charcot, segundo Marinesco, fez conhecida em França, ha para mais de vinte annos.

O eminente clinico e physiologista inglez, suppoz para este fim, que as cellulas nervosas da cortex cerebral armazenam energia nervosa provinda da irritação permanente produzida pelo tumor, e, que esta energia, ellas a libertam, de vez em quando, sob a influencia de causas multiplas. D'ahi a especie de descarga, que se traduz em convulsões, começando, em boa razão, pela região do corpo cujo centro cortical accumulou maior quantidade de força nervosa.

E assim uma intelligencia scintillante ao serviço de rigorosa observação clinica, induziu Hughlings Jackson a comprehender as convulsões parciais epilepticas como dependentes da irritação das circumvoluções da cortex cerebral; ideias que mais tarde, com os trabalhos de Fritsh e Hitzig sobre a excitabilidade daquelle departamento do cerebro tiveram a mais ampla confirmação.

Hoje a excitabilidade da cortex cerebral é principio que não comporta mais duvidas, taes têm sido as demonstrações no sentido da verdade d'elle, aduzidas por um grande numero de scientists da maior competencia e á frente destes por dous da envergadura mental a mais larga — Horsley e Bianchi.

E na moderna theoria de Jackson, cujas ideias de muito nos serviram na orientação desta these, encontramos nós uma conclusão para cuja affirma-

ção nos detivemos um tanto demoradamente nou capitulo antecedente.

O grande medico inglez considera a cellula nervosa como uma fonte de energia e a compara a uma verdadeira garrafa de Leyde, accumulando, no seu interiôr pouco e pouco, sob a influencia de uma excitação anormal e prolongada, o influxo nervoso.

Comprehende-se então que, quando a tensão intra-cellular tem attingido o gráo maximo de capacidade de accumulção do elemento nervoso; quando a pressão energetica, tem, por assim dizer, distendido o mais completamente as paredes da cellula nervosa, esta liberta uma certa quantidade da força que lhe é inherente, isto é, se descarrega.

Esta theoria, porém, deve, como muito intelligente e racionalmente fez notar o Dr. Brandão Pirajá, na sua bem escripta these sobre — *Epilepsia*, não se limitar exclusivamente á explicação das convulsões motôras, mas se estender até os phenomenos psychicos e sensitivos, os quaes bem podem ser considerados como o resultado de uma excitação prolongada das cellulas psychicas e sensitivas da cortex cerebral que á semelhança das cellulas motôras representam outras tantas garrafas de Leyde carregadas de força nervosa dependente da excitação sobre ellas produzida, por uma causa qualquer, sendo capazes, portanto de determinar verdadeiras descargas.

A cortex cerebral representa, então, uma grande bateria de accumuladôres cuja descarga farse-hia sempre que tivessem armazenado maior quantidade de força que aquella comportavel.

Esta descarga, de accordo mesmo com a natureza triplíce do trabalho nervoso se póde definir numa convulsão motôra propriamente dita; numa

manifestação sensitiva ou numa exteriorisação psychica.

Por isso o grande merecimento da theoria cortical da epilepsia ; a qual, só ella, pode explicar satisfactoriamente as variadissimas fórmulas do mal comicial.

E' sabido que as perturbações da intelligencia nas crises psychicas, são de tal maneira frequentes na epilepsia que um grande numero de auctores, quando ellas sobrevinham independentemente da crise convulsiva, denominaram-nos de *equivalentes psychicos epilepticos*. E o que se diz das manifestações comiciaes, para o lado da intelligencia, poder-se-ha tambem dizer com igual razão, das manifestações epilepticas para o lado dos sentidos. Sim. Que o cerebro que falla, que escreve, que recorda, que julga, é o mesmo cerebro que percebe as sensações e que provoca ou impede os movimentos dos membros.

Alem disto a tendencia mais pronunciada da psychologia moderna, está em considerar todos os actos nervosos desde o mais simples até o acto intellectual mais complicado, como phenomenos de motilidade.

Não ha ideia, assevera o illustrado professor Dr. Teixeira Brandão, que não se traduza em um phenomeno de movimento ; que não seja acompanhada de uma perturbação dinamica cerebral.

E Pierre Janet pretende ter demonstrado até a união completa, a inseparabilidade absoluta dos phenomenos do sentimento e da intelligencia dos phenomenos de movimento.

Para este eminente psychologista francez uma sensação, uma allucinação, uma percepção, qual-

quer que seja a sua natureza, provoca, infallivelmente, um movimento corporal, correspondendo e variando com o phenomeno psychologico mesmo.

De maneira que, se a epilepsia não quer dizer unicamente grande ataque, convulsão motôra, ella quer dizer, porém, libertação da energia accumulada nos elementos nervosos da cortex cerebral, se traduzindo em phenomenos convulsivos, em perturbações sensitivas e em manifestações psychicas ; isto é, ella quer dizer, segundo os principios firmados pela moderna psychologia—descargas motôras.

Demais, de quanto escrevemos nós sobre a pathogenia da epilepsia essencial, da epilepsia degeneração, um principio ha que nos esforçamos por sobrelevar—o da existencia de uma excitação permanente, oriunda da propria degeneração.

Esta excitação implica o despertar da energia potencial accumulada nos elementos nervosos que constituem as quatro camadas ou zonas em que Ramon y Cajal dividiu a cortex cerebral.

E assim despertada, á custa da excitação, a energia potencial ou de reserva, e, transformada em energia actual ou cinetica, como a energia potencial, contida numa porção de polvora granulada e negra, desperta e se transforma em energia actual á custa do estimulo trazido pela mais leve scintilla, e assim despertada, diziamos nós, a energia —que, não se perde nunca, mas se transforma sempre, segundo o principio basico em que se firma, o da sua conservação —se exgotta na producção de um trabalho correspondente á natureza da actividade preposta ao elemento nervoso.

Ora, não obstante ser de tres ordens o trabalho proprio deste elemento, como em outro lugar

desta these já o dissemos, este trabalho é dependente de uma perturbação dynamica da cellula, de uma vibração de sua substancia, que se define, em termos precisos, num *movimento*.

Assim tem-se o trabalho nervoso o menos elevado como o mais complicado, reduzido á simplicidade de um phenomeno mecanico— o movimento.

Assim tem-se a energia nervosa accumulada em demasia nos elementos corticaes do cerebro determinando uma crise convulsiva, uma perversão do sentimento ou uma perturbação da intelligencia, por isso que qualquer destas fórmas da actividade nervosa já não dependem daquelle coefficiente energetico dentro do qual se processam todas as actividades de um cerebro em equilibrio.

E é, talvez, neste desvio para mais do coefficiente energetico compativel com o funcionamento equilibrado e normal do cerebro que está com certeza a razão porque, muitos psychologistas não veem limites precisos entre o genio e a loucura.

Estas duas especies de productos da actividade cerebral, acredita Chauveau que, procedem talvez, de um trabalho physiologico equivalente, posto em acção pela mesma quantidade de energia; mas acrescentaremos nós, o que falta ás concepções delirantes do louco para attingir ás ideias creadoras do homem de genio, não é certamente a energia que nos dous casos póde ser a mesma, mas este extraordinario poder de synthese de que só os ultimos são dotados e que lhes permitem, no meio da rotina que os cerca, vêr luminosos caminhos ainda não descobertos, firmar ideias nunca aventadas, inteiramente novas.

De maneira que, voltando ao assumpto propriamente desta these, procuramos demonstrar com as

nossas minguadas forças e com o valioso auxilio da opinião dos mestres, que as cellulas corticaes excitadas (pelo tumor, tal o caso que serviu de orientação a Jackson, ou irritadas permanentemente pelo proprio mecanismo da degeneração epileptica, tal o caso que discutimos), accumulam uma grande quantidade de força, que não se perde e que é então aproveitada em trabalhos violentos, embora, como as convulsões, mas, que representam, mau grado isto, um derivativo, uma valvula de segurança para os milhões de cellulas corticaes, nas quaes a energia se tem accumulado sob a mais alta pressão.

E que esta descarga representa uma necessidade, prova-o indiscutivelmente o papel superiormente calmante das lagrimas nas grandes emoções.

Que não valem ellas unicamente como lubrificante do globo ocular; mas principalmente como um derivativo da sobrecarga deprimente de um pezar ou de emoção inebriante de um prazer.

Quem não ter-se ha sentido alliviado de amarguras acabrunhantes ou de alegrias entontecedoras depois de ter chorado?!

Quem não terá experimentado o extraordinario valôr das lagrimas nas vicissitudes varias da vida?!

Por ventura, a emoção não corresponde a uma excitação da energia nervosa que existe em estado latente nas cellulas das camadas corticaes do cerebro, energia que sendo indestructivel precisa ser aproveitada em um trabalho qualquer?

Pensamos que assim seja.

Mas, no proprio character do epiletico, de tal maneira incomprehensivel pela sua instabilidade, existe tambem, parece-nos, uma prova evidente destas descargas de energia.

De ruidosamente alegre, delicado e obsequioso,

passa o epileptico instantaneamente á tristeza mais deprimente, á grosseria mais aggressiva, á mais extrema imprestabilidade, como, da mesma maneira, depois de grande crise convulsiva em que todo elle era explosão e violencia, cahe na maior inercia e na mais inteira passividade.

Quantas vezes o epileptico, de homem inoffensivo que era, não passa a ser o mais terrivel assassino?

Quantas outras, de devoto fervoroso, a empregar o tempo inteiro nas contas de um rosario ou nas cerimoniaes religiosas, não se torna o epileptico o autor de crimes monstruosos em que a crueldade e a perversidade se disputam a primazia?

Para nós, esta instabilidade do character, tão dominante no epileptico, resulta sobretudo, da descarga brusca, da explosão violenta da energia nervosa accumulada nos elementos psychicos corticaes do cerebro, descarga, que, pela sua violencia mesma, impede que os seus actos sejam pautados por aquella norma de proceder, que é o estalão dos individuos equilibrados.

Já vimos, porém, que as descargas nervosas poderiam ser de tres ordens: psychica, sensitiva e propriamente motôra, preponderando em todas ellas comtudo, o elemento psychico.

E entre ellas, aquella que, menores prejuizos possa acarretar á sociedade em que vive o epileptico, inquestionavelmente, é a descarga convulsiva motôra.

Por isso é ella a que mais nos deve interessar, que entre o interesse individual e o interesse colectivo, este sobrepuja sempre aquelle.

Desgraçadamente, porém, a tendencia manifesta, a mais pronunciada, do epileptico, presa das

impulsões irresistiveis do seu horrivel mal, é toda lesiva dos interesses sociaes no que elles contêm de mais respeitaveis: a vida, a propriedade e a honra.

O homicidio, o roubo, o incendio, o estupro, a violencia carnal, etc., nada ha capaz de fazer estacar o epileptico diante da satisfacção de seu instincto pervertido, de um desejo lubrico, da violencia de suas paixões, de suas impulsões criminosas emfim.

Poderiamos, citar em abono do que escrevemos, numerosas observações; mas, que valeriam ellas diante das copiosissimas observações de todos os auctores, nos quaes nos louvamos, concurrentes todas ellas á demonstração da tendencia criminosa tão peculiar ao epileptico?

Não nos sabemos, porém, furtar ao desejo de transladar para esta these, com a permissão devida, tres observações que nos parecem do mais alto valor na demonstração della.

A primeira diz respeito ao assassinato do Dr. Geoffroy, medico do asylo de Avignon.

Eis como um autor refere este tristissimo caso:

« C., era um epileptico confirmado, tendo tido uma multidão de accessos, crises de loucura epileptica, impulsões suicidas e homicidas, exaltações, allucinações, etc. Um dia, encontrando o medico no asylo, estendeu-lhe a mão e pronunciou a palavra *união*.

« Dois dias depois conserva-se no corredôr por onde passava o medico e, quando este se aproxima, chama-o queixando-se de um incommodo na perna. Quando o medico se abaixa para examinal-o fere-o, pelas costas, introduzindo-lhe no cora-

ção a lamina de uma tesoura que trazia occulta e aberta em cruz, para facilitar a manobra.

«Na noite seguinte tem um accesso convulsivo.

«Interrogado sobre seu crime, respondeu que havia muitas noites os membros de uma sociedade secreta e cujas vozes ouvia, lhe ordenavam de matar o medico sob pena de ser desgraçado toda a vida. Para verificar se o medico fazia parte da tal sociedade, encontrando-o, pronunciara a palavra união que, irrespondida, levara-o a executar posteriormente a ordem recebida.

«Depois disto os accessos tornaram-se mais frequentes, deplorando o doente seu crime nos raros intervalhos de lucidez.»

A segunda é assim referida por Defossez : «Um individuo, tendo sido injuriado por seu socio e levantando-se bruscamente para matar-o, foi nessa occasião accommettido de um ataque epileptico convulsivo ; no dia seguinte, já completamente libertado do ataque, tinha ainda a convicção de ter matado seu companheiro, e distinguia até na mão direita uma mancha de sangue, imaginaria.»

A terceira a encontramos em Pierre Janet, no seu magistral livro *L'automatisme psychologique*.

Procuramos descrevel-a.

D....., era um desgraçado rapaz de dezeseite annos, filho de pai e mãe alienados, que haviam terminado a vida pelo suicidio.

Os seus primeiros annos viveu-os em calma relativa.

Já na adolescencia, porém, violentas crises de melancolia o dominaram, durante as quaes se isolava inteiramente, a lamentar sua sorte, a inquerir do seu

destino que se lhe antolhava sombrio. Tinha, ha alguns annos, quasi constantemente, o horrôr de estar só, mau grado detestar entretanto a sociedade ; e, tão intensa era esta agoraphobia, que, elle, não codseguiu atravessar sózinho uma *praça*, supplicando muita vez a um desconhecido para que o accompanhasse.

Durante algum tempo foi accommettido de perturbações choreicas da perna, e uma vez até, foi presa de temores convulsivos generalizados. De sua vida porém, o accidente mais importante foi o seguinte que o levou ao hospital: Uma tarde sentiu elle uma de suas frequentes crises de angustia ; não conseguiu jantar, e, á noite, passou-a accordado, a gemer, sacudida a perna continuamente por um tremôr convulsivo. Pela manhan, no emtanto, se levanta e se esforça por entregar-se a sua occupação diaria, a de barbeiro. Mal se prepara, porém, para servir um freguez, que um suor frio lhe inunda o rosto, que seus tremôres augmentam e lhe invadem os braços. Então um pensamento horrivel lhe atravessa o espirito—o desejo, a vontade, de cortar a garganta ao descautelado cliente que o espera.

Espantado de si, resiste com uma especie de raiva e se appoia a uma cadeira para não cahir.

Tenta ainda tomar da navalha ; mas voltando a impulsão terrivelmente dominadôra, a ella foge, se internando no quarto, em altos gritos. Após elle, correm pessôas que mal chegam a tempo de evitar que elle se degole. Transportado para o hospital, esteve durante dois dias, prostrado e incessantemente agitado por movimentos convulsivos. Depois passada a crise, continua persuadido de que acabará ainda como os pais, o que não pouco contribue para entristecel-o.

Vejamos agora, quaes os ensinamentos que nos podem fornecer as tres observações recolhidas nesta these; que os esclarecimentos e conclusões dellas inferidos serão, sensivelmente, os mesmos, de dezenas de observações outras, em condições identicas.

Na primeira houve evidentemente uma allucinação auditiva, primordial, seguida de impulsão homicida; e desgraçadamente a impulsão não ficou ideia—fez-se acto.

Na segunda e terceira, se não houve allucinação, houve, comtudo, impulsão homicida; nestas, porem, a impulsão persistiu ideia—não chegou a ser acto.

Cumpre-nos, porem, indagar da razão de divergencia notada entre o primeiro e os dois ultimos casos.

No primeiro, a impulsão criminosa fez-se acto, porque, toda a energia nervosa accumulada nos elementos corticaes do cerebro de C..., não se exgottou na determinação de descargas convulsivas, sobrevindas depois de praticado o acto delictuoso, mas sim, foi empregada em vencer os lampejos da razão e os escrúpulos da consciencia que podiam impedir a realisação da ideia homicida.

Na segunda, a descarga nervosa se fez para o lado dos centro psycho-motôres, na occasião mesma em que a ideia se devia transformar em acto.

E na terceira, finalmente, porque, da energia nervosa accumulada nos elementos corticaes, uma grande parte se havia derivado na producção, durante a noite inteira, de convulsões de um dos membros abdominaes, de D., o que, se comprehendendo, vinha facilitar a acção altamente nobre da razão e da consciencia no impedimento de um horrivel

crime immotivado, o que não obstou, porém, a que, esta energia que não se perde, se exteriorisasse em gritos e em convulsões continuas como as que dominarão D. durante os primeiros dias que se seguiram a sua entrada para o hospital.

Entretanto, verdade é que nem toda a impulsão comicial é criminosa; mas verdade é tambem que ha em quasi todo o epileptico um fundo de violencia e de perversidade, proprio da degeneração, e em torno do qual se conglomeram em determinadas condições, as ideias, como em torno do *crystal mãe* se formam, copiando-lhe as arestas e os angulos, os *crystaes* novos.

Assim julgamos ter demonstrado a necessidade, a vantagem das descargas motôras na epilepsia essencial; não nos é licito, porem, deixar de salientar os danos que estas mesmas descargas possam trazer para o epileptico.

E assim a contracção tonica dos musculos que que tão importante papel representa, no *grande ataque* e a qual contracção é resultado destas descargas, pode, por si mesma, ser causa determinante dos mais diversos e mais graves accidentes.

Desta especie é a asphyxia produzida pela violencia do espasmo dos musculos do pescoço e thoracicos, accidente este que se dá mais facilmente quando existem lesões agudas ou chronicas do pulmão: pleurisia, pneumonia, congestão, tuberculose, etc.

Desta mesma especie, são, tambem: a ruptura do coração, observada por Short e Lunier, muitas vezes, durante o periodo tonico; a ruptura do fígado, a do diaphragma; assim como todas as lesões, osseas, musculares e tendinosas, que poderem depender de convulsões musculares, violentas e seguidas: fractura, luxação, etc.

Estes são os danos que as descargas motôras convulsivas podem produzir.

E nós mesmo já tivemos occasião de assistir á morte de um epileptico, consecutiva a numerosos e successivos ataques subintrantes.

E' o chamado *estado de mal*.

Mas, que valem, sob o ponto de vista social, estes danos exclusivamente individuaes do epileptico, diante daquelles que a intromissão e o convívio delle na sociedade podem determinar ?

Pois não é certamente melhor que o epileptico, estrebuxe, si contorça e escabuje, presa de violentissimas convulsões, e que morra até, victima dellas, a que se torne um homicida, um incendiario, um ladrão, um estupradôr, etc., pois que sua tendencia é manifesta e infelizmente toda ella para o mal ?

Certamente que o é.

E por isso dissemos nós, alhures, que entre o interesse individual e o interesse collectivo este sobreleva sempre, e anulla mesmo, áquelle.

E por isso diremos tambem, concluindo, que a crise convulsiva epileptica representa uma necessidade e uma vantagem.

Uma necessidade para o proprio epileptico, porque a crise significa um derivativo de força, uma valvula de escapamento para a energia accumulada em excesso nos elementos corticaes do cerebro, energia que, se não fosse aproveitado nesse trabalho de contracção tonica e clónica dos musculos, iria determinar, talvez, perturbações outras gravissimas para o organismo dependente de um cerebro tão exageradamente carregado de força.

E' uma vantagem, porque, dentro as exteriorisações da epilepsia, aquella que menores prejuizos póde

trazer para a sociedade, é certamente a forma convulsiva.

Sim. Que os direitos de cada um terminam onde começam os direitos de outrem.

Pois se é verdade que todos lamentam e se compadecem da horrivel sina destes desgraçados enfermos; é verdade tambem, que cada um de nós não permite, não tolera que um mal alheio, possa vir a ser um mal nosso.

Por isso, attendendo á quanto pensamos relativamente ás vantagens e danos das descargas motôras na epilepsia essencial, faremos nosso, o que um mestre eminente, o Dr. Francisco de Castro, escreveu á proposito de males outros:

«Para esses taes parece que se traçou o proverbio indigena onde a verdade aphoristica transluz no vago da locução plebéa:

Ha males que vêm para bem.»

PROPOSIÇÕES

PHYSICA MEDICA

I

A força e a materia representam, por assim dizer, os dous polos da esphera universal.

II

A força é eterna; a materia indestructivel.

III

A existencia desta, porém, como a daquella, estão de tal maneira ligadas que uma não subsiste sem a outra.

CHIMICA INORGANICA

I

A analyse é um processo de decomposição.

II

A synthese um processo de recomposição.

III

E' sobre este dois grandes processos geraes, verdadeiras alavancas scientificas, que se firma toda a estrutura dos corpos.

BOTANICA E ZOOLOGIA

I

Em biologia, a variabilidade das especies tem quasi a força de um axioma.

II

O principio opposto, a fixidez absoluta, seria um erro se não fosse a negação da harmonia da natureza.

III

A doutrina que se firmasse neste principio obrigaría o reconhecimento de uma série immensa de gerações espontaneas e instantaneas.

ANATOMIA DESCRIPTIVA

I

O systema nervoso quanto mais se differencia, tanto mais se condensa e melhor se abriga num arcabouço osseo.

II

Elle deriva sempre do ectoderma donde se isola pouco e pouco.

III

Assim isolado e differenciado, o systema nervoso, constitue verdadeiros órgãos internos, de aspecto variavel.

HISTOLOGIA

I

A cortex cerebral foi dividida, segundo Ramon y Cajal, em quatro camadas ou zonas.

II

Cada uma destas camadas é constituida por um typo de cellulas distinctas.

III

As cellulas pyramidaes da segunda camada são consideradas por muitos physiologistas como os corpusculos psychicos, por excellencia.

CHIMICA ORGANICA E BIOLOGICA

I

A chimica da vida, póde-se dizer que começa com Wœhler.

II

Foi este grande investigador quem conseguiu pela primeira vez a synthese de um composto organizado—a uréa.

III

Esta descoberta abiu novos horisontes á chimica biologica.

CHIMICA ANALYTICA E TOXICOLOGICA

I

A analyse do sangue, da urina, e do suor deve ser feita em casos de epilepsia.

II

Esta analyse tem revelado uma hypertoxidez desses liquidos organicos.

III

A existencia desta toxidez precede, muita vez, o apparecimento de crises epilepticas.

PHYSIOLOGIA THEORICA E EXPERIMENTAL

I

A cortex cerebral possui centros prepostos á motilidade—são os centros motôres.

II

Estes centros occupam a zona chamada *rolandica*.

III

A excitação desta zona determina diversos movimentos musculares.

PATHOLOGIA GERAL

I

A herança é o grande factor da epilepsia.

II

Para ella concorre transmittindo de individuo a individuo, vicios de estrutura e perturbações de funcções.

III

Por isso, o ser considerada a epilepsia essencial como degeneração.

ANATOMIA E PHYSIOLOGIA PATHOLOGICAS

I

A anatomia pathologica da epilepsia está quasi por estudar.

II

Entretanto as autopsias têm revelado a presença de varias lesões no systema nervoso do epileptico.

III

Destas lesões as mais frequentemente observadas têm sido os focos de endurecimento na cortex, a sclerose das pontas de Ammon, etc.

MATERIA MEDICA, PHARMACOLOGIA E ARTE DE FORMULAR

I

Os bromuretos são hoje muito empregados na epilepsia.

II

Elles são receitados numa formula encerrando diversos bromuretos.

III

Esta formula deve conter correctivos que previnam as irritações gastricas.

PATHOLOGIA MEDICA

I

A epilepsia é na opinião de todos os auctores uma nevrose.

II

Sua encenação clinica é como a de toda a molestia —não depende propriamente della, mas do individuo em que apparece.

III

Muita vez, extrema é a difficuldade para distinguir a epilepsia das outras nevroses.

PATHOLOGIA CIRURGICA

I

Os traumatismos sobre o craneo podem provocar o apparecimento de crises epilepticas.

II

Estes traumatismos determinam, então, a formação de uma placa de pachymeningite.

III

A esta placa ou a existencia de uma esquirola ossea da taboa interna devem ser attribuidas as convulsões observadas.

ANATOMIA MEDICO-CIRURGICA

I

A cortex cerebral é inteiramente lisa em grande numero de animaes inferiores.

II

Nos animaes superiores, ao contrario, elle apresenta numerosas saliencias, circumscrevendo depressões mais ou menos profundas.

III

Estas saliencias tem o nome de circumvoluções, e as anfractuosidades que as separam, de sulcos ou scissuras.

OPERACOES E APPARELHOS

I

A trepanação do cerebro é hoje muito praticada na epilepsia traumatica.

II

Sua utilidade em taes casos é incontestavel.

III

Na epilepsia essencial, porém, os seus resultados são duvidosos.

THERAPEUTICA

I

Curar a epilepsia essencial, seria curar a degeneração.

II

E' uma pretensão irrealisavel.

III

Todo o esforço medico, deveria, se possivel fosse, convergir, em taes casos, para a diminuição da excitabilidade da cortex cerebral.

OBSTETRICIA

I

Não é raro o apparecimento de crises eclampticas nas mulheres gravidas.

II

Variada é a medicação em taes casos.

III

Nos casos graves é o medico obrigado a provocar o aborto ou o parto prematuro.

HYGIENE

I

Um regimen hygienico bem organizado é um bom meio therapeutico na epilepsia.

II

Os exereícios phisicos ao ar livre, o trabalho constante e moderado, contribuem muito poderosamente para o espaçamento das crises epilepticas.

III

O regimen alimentar que mais aproveita ao epileptico é o vegetariano.

MEDICINA LEGAL

I

Não poucas vezes é chamado o medico para decidir da responsabilidade ou não de um epileptico na pratica de um acto criminoso.

II

Para taes deslindes precisa o medico do maior criterio e da mais ponderada observação.

III

Um outro problema ha que, muito particularmente, lhe deve chamar a attenção: o impedir, sempre que puder, o casamento dos epilepticos.

CLINICA PROPEDEUTICA

I

O diagnostico da epilepsia, assume, ás vezes, extrema difficuldade.

II

Esta difficuldade se avoluma nos casos de hysteria.

III

Para resolver taes difficuldades é que se creou, parece, a hystero-epilepsia.

CLINICA CIRURGICA (1ª cadeira)

I

A contracção tonica dos musculos, durante o accesso epileptico, dá, muita vez, logar a diversos traumatismos.

II

Destes os mais frequentes são as luxações e as fracturas.

III

Algumas vezes, entretanto, têm se observado verdadeiras rupturas do coração, do figado, do diaphragma, etc.

CLINICA CIRURGICA (2ª cadeira)

I

A epilepsia, á semelhança da hysteria, tem tambem suas zonas productoras de accessos.

II

Estas zonas são chamadas epileptogenas.

III

A excisão de cicatrises e corpos estranhos destas zonas tem grande importancia na diminuição dos accessos.

CLINICA MEDICA (1ª cadeira)

I

A epilepsia, quando attinge o estado de mal, é sempre da maior gravidade.

II

Este estado é caracterisado pelos chamados accessos subintrantes.

III

Então cahe o individuo em estado comatoso, seguido quasi sempre, de morte.

CLINICA MEDICA (2ª cadeira)

I

Os accident esconvulsivos sobrevindo no curso de certas molestias, são verdadeiras manifestações epilepticas.

II

Para estas conclusões de muito servirá a historia progressa dos doentes.

III

Nestes casos a molestia serviu unicamente para despertar o apparecimento das crises convulsivas.

CLINICA OBSTETRICA E GYNECOLOGICA

I

E' do mais alto valor clinico o exame da urina nas mulheres gravidas.

II

Se este exame revelar a presença de albumina, bom é que fique de sobreaviso o parteiro, para o caso de eclampsia.

III

E' dos accidentes do parto um dos mais perigosos para a vida da gestante e para a vida do fêto.

CLINICA OPHTALMOLOGICA

I

Os centros visuaes são séde de perturbação na epilepsia.

II

Umavez é a illusão visual.

III

Outras é a allucinação tambem visual.

CLINICA PEDIATRICA

I

São muito frequentes na primeira infancia as crises de eclampsia.

II

Ellas são observadas, principalmente, nos filhos de epilepticos.

III

Para a explosão destas crises muito contribuem a erupção dos dentes e a existencia dos vermes intestinaes.

CLINICA DERMATOLOGICA E SYPHILIGRAPHICA

I

A syphilis cerebral provoca, muita vez, manifestações convulsivas.

II

Estas manifestações convulsivas são epilepiformes.

III

Para taes casos, porém, conta o medico com um poderoso recurso therapeutico, o mercurio.

CLINICA PSYCHIATRICA E DE MOLESTIAS NERVOSAS

I

Os epilepticos são verdadeiros representantes da degeneração.

II

Algumas vezes essa degeneração se accusa nos caracteres physicos inherentes a ella.

III

Nunca, porém, faltam os estigmas moraes e intellectuaes.

III

Visto. — Faculdade de Medicina e de Pharmacia do Rio de Janeiro, em 30 de Outubro de 1900.

O Secretario, *Dr. Eugenio de Menezes.*